Jornal O Diário 18/06/19 - Cidades pag3e capa

Monumentos contam história de imigrantes

Uma obra de arte em praça reverencia famílias de agricultores assim como um parque inteiro homenageia os imigrantes japoneses, que chegaram por aqui em setembro de 1919. A cidade abriga ainda outros ícones, como a antiga fábrica de chá, que virou patrimônio cultural. Mas tem mais. **CIDADES | 3**

Nos monumentos, o 'Japão' em Mogi

Obras de arte como a família de japoneses em um dia de trabalho, do artista Josephus Maria Van de Wiel, e a Mãe Grávida, de Manabu Mabe, em frente à Associação dos Agricultores de Cocuera, equipamentos públicos como o Parque Centenário e culturais, caso do Casarão do Chá, também na região rural, e um templo religioso, construído por cinco imigrantes, contam a trajetória de sucesso cumprida pelos primeiros japoneses que chegaram a Mogi das Cruzes em 1919.

FOTOS ARQUIVO

No início, o trabalho na lavoura

ELIANE JOSÉ

É inspirada no médico Nobolo Mori, que serviu de modelo, a figura do homem que leva uma enxada no ombro e tem ao seu lado uma mulher, com uma criança nas costas, na cena do monumento ao migrante japonês criada pelo artista Antonio Josephus Maria Van de Wiel [1910-2009]. Ela foi inaugurada em 7 de setembro de 1969, nas celebrações dos 50 anos da imigração japonesa na cidade. Instalada na praça localizada na Avenida Voluntário Fernando Pinheiro Franco, além da recriação da família típica encontrada no início do século passado na região rural, a obra conta ainda com um lago e banco.

As primeiras levas de famílias japonesas residiram na zona rural, mas as gerações posteriores, que aprenderam o português e estudaram em escolas, como o Coronel Almeida e o Sentaro Tataoka, descentralizaram a atuação profissional em ramos como o comércio (na região central e bairros), na indústria e, um pouco mais tarde, com a especialização dos filhos a partir do ensino superior em áreas como medicina, odontologia, engenharia, administração de empresas e direito.

5 amigos constróem o Templo Mogi-Hakone

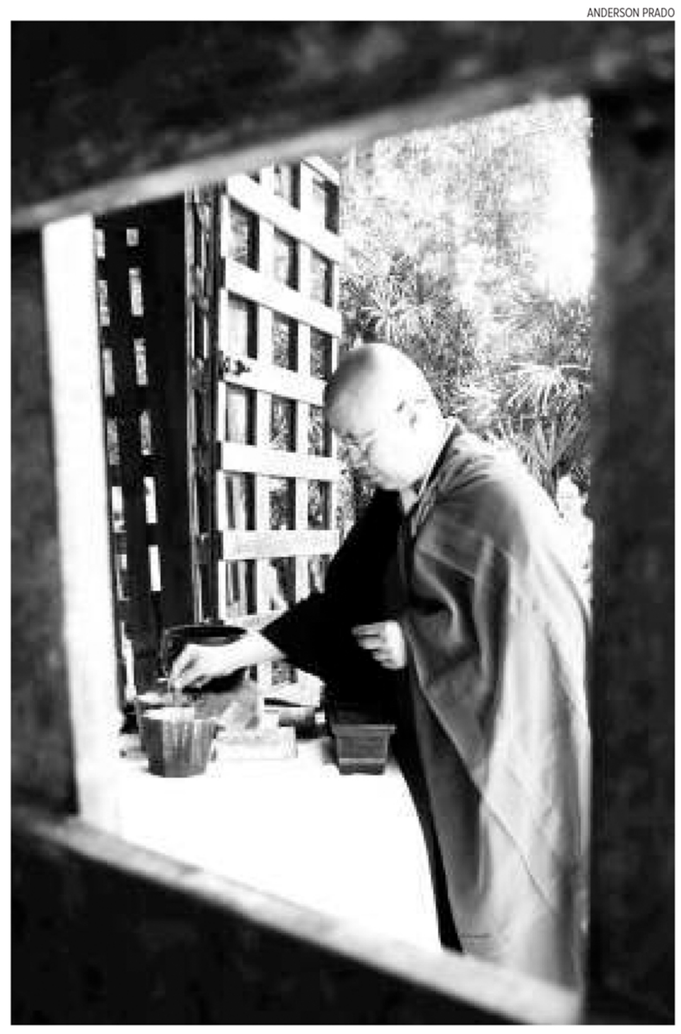
Marco da amizade do "grupo dos cinco", o Templo Mogi-Hakone é um dos símbolos da colônia japonesa em Mogi das Cruzes. Construído em 1950 pelos imigrantes Takeji Matsuo, Kiyomi Takano, Kinzaburo Kato, Gento Kabayashi e Tsunesaburo Ishibashi, na Estrada do Takaoka, 140, no Cocuera, o local recebe visitantes e, todos os anos, no dia 7 de setembro, data de sua inauguração, sedia uma cerimônia especial.

Nesta ocasião, os visitantes têm oportunidade de fazer a caminhada até o mirante localizado numa montanha a 902 metros de altitude, em meio à Mata Atlântica nativa, de onde se tem uma vista privilegiada de Mogi, Biritiba Mirim e também da Serra do Mar.

Ao lado da área destinada às orações, também chamada de Templo de Kannon, há um monumento deixado por seus fundadores onde consta os nomes dos amigos escritos em uma grande pedra.

O local faz parte do roteiro do turismo rural de Mogi e recebe visitantes de várias cidades durante todo o ano. Lá, eles conhecem o Templo Mogi Hakone e sua história, contada pelo proprietário do Sítio Matsuo, Osvaldo Matsuo, produtor de caqui e nêspera. Mais informações: 9-4172-4332 e 4792-2433 ou *osvaldomatsuso@gmail.com* . **(C.O)**

ANDERSON PRADO



De uma área degradada ao parque queridinho dos mogianos

O Parque Centenário da Imigração Japonesa é uma das principais obras do governo do ex-prefeito Junji Abe. Foi inaugurado em 28 de junho de 2008, quando a comunidade nipo-brasileira festejou os 100 anos da chegada do navio Kasato Maru ao Brasil, com os primeiros imigrantes. O projeto original contou com estruturas como as pontes flutuantes e uma réplica do famoso navio. Em poucos anos, esses ícones não resistiram ao uso e ao tempo. Outros pontos do equipamento público lembram os laços de amizade entre os dois países como o Museu dos Imigrantes e a Praça das Cidades Irmãs.

O Parque Centenário foi construído em uma área de 21,5 hectares, na APA (Área de Proteção Ambiental) do Rio Tietê e é um dos melhores exemplos de recuperação ambiental da cidade – durante anos, no passado, o local foi alvo da atividade de extração de areia. Reabilitado como espaço de lazer e esporte, costuma ser apontado como um dos pontos mais bonitos da cidade por usuários e turistas. **(E.J.)**

Mãe Grávida, de Manabu Mabe

Pioneiro do abstracionismo no Brasil, Manabu Mabe é o autor da obra *Mãe Grávida*, instalada na Associação dos Agricultores de Cocuera em 1969, quando foram comemorados os 50 anos da imigração japonesa em Mogi das Cruzes. O monumento lembra uma gestante e simboliza a fertilidade do solo, numa referência à presença dos primeiros imigrantes que se instalaram em propriedades do Cocuera e à produção de verduras, legumes e frutas, e até ovos, durante um certo período, que notabilizou o nome de Mogi das Cruzes no mercado hortifrutigranjeiro. O médico Nobolo Mori era amigo de Manabu Mabe e desconstruiu uma história de que ele teria doado a obra porque havia sido tratado por um médico mogiano. "Nós éramos amigos, ele vinha me visitar em casa, mas o artista doou a obra por se tratar de uma associação, não como uma honraria a mim", disse ontem Mori, presente na maioria das festividades sobre a imigração. Ao lado da figura da *Mãe Grávida*, em 1978, foi instalada uma placa comemorativa pela passagem do principe Akihito e da princesa Michico em Mogi das Cruzes. **(E.J.)**

Um relógio para contar o tempo

Em 1960, a instalação do relógio da Praça Oswaldo Cruz foi um presente da comunidade japonesa a Mogi. Ele foi um dos principais relógios a marcar a rotina da região central, tendo na vizinhança, um comércio vibrante e a presença de empreendimentos como o Cine Odeon, que possuía 720 lugares, na rua Dr. Ricardo Vilela (hoje o espaço abriga um equipamento público, o Ciarte).

O relógio foi doado pela comunidade japonesa, segundo o ex-vereador Sethiro Namie, que acompanhou a abertura de outros monumentos que marcaram a trajetória da comunidade japonesa em Mogi.

Alguns desses registros, com o decorrer do tempo, foram perdidos como o Altar da Pátria, na praça Coronel Benedito de Almeida, uma doação da NGK do Brasil, que marcou o processo de industrialização da cidade com a chegada da fábrica de origem japonesa à cidade. Uma outra obra presenteada pela empresa, assinada por José Rossi, o mesmo autor da fachada do Palácio dos Bandeirantes, e que representava um quadrilátero também se perdeu: no lugar dela, hoje está a fonte luminosa, em frente à Prefeitura, segundo lembra Paulo Machado, que atuou na empresa. **(E.J.)**

Arquitetura em forma de arte

É um dos exemplares arquitetônicos considerados mais representativos da imigração japonesa no Brasil, a antiga fábrica de Chá Tokyo, projetada pelo construtor Kazuo Hanaoka, em 1942, em uma propriedade à margem da Estrada do Nagao. O Casarão do Chá resulta da união de técnicas empregadas em milenares palácios e templos japoneses e a taipa de pilão. Após o declínio da cultura do chá e o fechamento da fábrica, a história e a beleza da construção inspiraram o artista japonês Akinori Nakatani a uma luta que muitos consideraram em vão: primeiro, a preservação para evitar que esse patrimônio fosse destruído pela falta de conservação e, depois, o uso do espaço como um equipamento de cultura e de proteção à história da imigração japonesa. Foram quase 30 anos, desde a desapropriação do imóvel, e a montagem da Associação Casarão do Chá, que se capacitou tecnicamente e reuniu doadores particulares e empresas para a reconstrução do imóvel hoje aberto aos domingos para visitas e atividades variadas como exposições e feiras de arte e artesanato. O Casarão é um símbolo da presença do Japão em Mogi.**(E.J.)**